

PAISAGENS ÍTIMAS: INVESTIGAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE FOTOGRAFIA E CORPO

Odinaldo Costa
FAV/UFG

ISSN 2316-6479

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão acerca da série intitulada Horizonte, ao qual indico a construção de paisagens íntimas. A intimidade que permeia a relação entre fotografia e corpo está em discussão tanto na série citada, como nos diálogos com outros artistas que trago como referência no decorrer do texto, tais como Nan Goldin. A negociação nas fronteiras da intimidade são possíveis horizontes criados nessas paisagens que traz o corpo em momentos do cotidiano.

Palavras chave: Fotografia; Corpo; Paisagem; Intimidade.

Abstract

This paper proposes a reflection on the series titled Horizon, which point out the construction of intimate landscapes. The intimacy that exists in the relationship between photography and body is much discussion in the aforementioned series, as in dialogues with other artists who bring as a reference throughout the text, such as Nan Goldin. Negotiating the borders of intimacy are possible horizons created these landscapes that brings the body into moments of everyday life.

Keywords: Photography; Body; Landscape; Intimacy.

1 Prelúdio

Ele chegou em um domingo pela manhã. Tinha um edredom de corações bem pequenos. Ele me pegou pelo braço e disse que ia me fazer a pessoa mais feliz do mundo. Me deu um CD gravado com as músicas que eu mais gostava. Ele disse que queria passar mais tempo comigo. Ou então morrer afogado. Ele ficou deitado comigo na cama depois de fazer amor. Tocou Lana Del Rey bem baixinho no rádio. Don't make me sad, don't make me cry/ Sometimes love is not enough and the road gets tough/ I don't know why. Ele falou para acordá-lo na hora do jantar. Aquele calor escaldante lambendo o seu corpo nu. Olhei pela janela e vi o sol indo embora. Ele não acordou naquele fim de tarde, mas ficou gravado como horizonte.

Intimidade. Palavra que direciona o trajeto percorrido na minha produção poética. Mas, que intimidade é essa representada em minhas fotografias? De que forma essa intimidade se faz presente na relação entre modelo e fotógrafo? Como tratar sobre a intimidade na atualidade? Segundo o dicionário Aurélio,

intimidade é: qualidade do que é íntimo. Continuando no dicionário, entendemos íntimo como algo que está muito dentro; que existe no ânimo ou no coração.

Em tempos de *Big Brother Brasil*, *web cam* nos computadores pessoais, *blogs*, *facebook*, circuitos internos de câmeras espalhados pelas ruas da cidade, como pensar o que é íntimo? Na atualidade a intimidade é um convite, não existe mais fronteiras tão rígidas entre público e privado, se não tomar cuidado vai para as redes sociais. O espetáculo da vida alheia é assistido, oferecido de várias maneiras e com um grau de sedução tão grande que é praticamente impossível não se deter no que o outro está fazendo. Todos compartilham pela sensação de intimidade alheia. De forma que é pertinente refletir sobre a intimidade na atualidade, como também perceber de que forma essa intimidade está presente na produção artística contemporânea.

Sendo assim, Elisabeth Lebovici (2004, p.13) lembra que uma possível noção de privacidade seria não fantasiar um real mais verdadeiro, porque quanto mais perto de si transcende toda a distância. Para a autora, a experiência íntima representada através de imagens é cada vez mais comum na produção artística atual. Lebovici aponta que esse posicionamento tem início com as propostas de políticas de saúde devido a epidemia de Aids. Desde então, têm-se repensado as discussões sobre intimidade.

2 Por uma proposta de paisagem íntima: série Horizonte



Figura 1- Horizonte I. Odinaldo Costa. 2013.

Em *Horizonte I* (2013) pretendo dialogar com os conceitos de paisagem e horizonte. Algumas questões surgem da necessidade de refletir sobre o tema aqui proposto. É possível criar uma paisagem fotografando corpos? Como pensar em paisagem na relação entre fotografia e corpo? E nessa possível paisagem é viável construir um horizonte? De que forma? Fiquei durante algum tempo envolvido em devaneios em que uma solução para um trabalho prático parecia cada vez mais distante. Mergulhei nas leituras para tentar o sossego do conhecimento, mas não obtive grande êxito, eu ainda não sabia como resolver meu trabalho prático. Sem a pretensão de responder as questões colocadas, tento a seguir refletir sobre elas. Talvez, delinear alternativas para pensa-las de outra maneira.



Figura 2- Horizonte II. Odinaldo Costa. 2013.

A obra acima é composta por 16 fotos feitas com uma câmera instantânea modelo Instax Mini da Fuji. O conjunto de imagens tem 95 cm x 8,5 cm e possui as margens brancas características das fotografias instantâneas. A montagem da série *Horizonte* tenciona um lugar em que o espectador tenha um distanciamento. No caso, ele só veria, a priori, uma linha na parede. Com a aproximação, poderia notar duas imagens justapostas de um homem deitado em uma cama. Gosto do resultado precário das fotografias instantâneas, penso que elas me aproximam do espectador. Composições simples, iluminação pobre – resultado de flash automático, foco simples, todas essas características proporcionam uma consciente despreocupação com as fotografias. O que me interessa é a essência do que está sendo mostrado, e não a técnica pela qual é representado.

Busco nesse momento um diálogo com Anne Cauquelin (2011, p.103) quando ela diz que “todo horizonte é uma incitação à viagem para um além, desconhecido ou outro ‘mundo’”. Penso na imagem do homem deitado na cama como o despertar para um imaginário íntimo. O que aconteceu antes? E durante? Em que contexto foi realizado essas fotografias? Vejo o homem corpulento deitado na imensidão do branco que o circunda por todos os lados. Tenho o desejo de construir essa linha do horizonte na minha casa, no meu quarto, na minha intimidade. Penso no corpo do homem da foto como possíveis elevações de um relevo não distante, mas próximo, bem próximo, ao alcance das mãos. “O horizonte é um objeto paradoxal, reversível: revela aquilo que esconde e pertence a dois regimes do ver, o visível e o invisível, que ele liga entre si” (*idem*, p.104), afirma Cauquelin. Entendo que depois do corpo não existe um abismo ao qual posso despencar, mas quando olho para a linha que construo a partir daquele corpo familiar, lembro-me de sensações, memórias, sentimentos que me transportam para além do que é visível. Percebo e convido o espectador a comungar comigo de minhas impressões que permeiam essa construção de horizonte. O que está depois? Ou, o que veio antes desse corpo deitado e tão entregue na cama?

Não é difícil pensar na cena do homem na cama como uma paisagem. Uma paisagem íntima, caseira, que não precisa da imensidão do mar, nem da floresta densa, mas que se faz complexa dentro da simplicidade de um quarto qualquer.

Que poderia ser o seu, ou o quarto de um amigo. Mas que se trata do meu quarto, da minha intimidade exposta para que todos possam ver e se identificar, como também, se sentir fazendo parte dela. Se quiser, claro.

Mas como pensar essa paisagem? Karina Dias (2010, p.113) explica que

“o que se produz entre o olhar e o espaço cotidiano, urbano ou não, para que o pensemos como paisagem? Parto da ideia de que a paisagem se revela em meio às situações rotineiras e banais, em um movimento acelerado de pontos de vista distintos; ela é passagem, um deslocamento do olhar”.

Na minha relação com o modelo durante o ato fotográfico percebo o corpo como algo que seduz e convida a contemplação. Percebo esse corpo como paisagem. Ou construo essa paisagem íntima com minha imaginação. Preciso de um tempo maior ali parado na frente do homem deitado nas imagens da série *Horizonte* para que ele seja construído enquanto paisagem. E é exatamente nesse entremeio do olhar e ver que percebo a cena: a paisagem.

“Pensar a paisagem implica um posicionamento diante do mundo”, afirma Denilson Lopes (2007, p.134). Assumir uma posição de habitar o mundo que eduque o olhar a perceber o cotidiano de maneira outra, no caso específico aqui abordado, compreender o banal com delicadeza. Afinal, a série *Horizonte* trata da representação de momentos corriqueiro na vida de qualquer um. É isso que vemos, homens relaxados em uma cama. Lopes diz ainda que “a paisagem é mais do que um estilo de pensar e escrever, é uma forma de viver à deriva, entre o banal e o sublime, a materialidade do cotidiano e a leveza do devaneio” (*idem*, p.136). Talvez o horizonte seja percebido exatamente aí, quando o banal toca a sutileza do olhar. Para contemplar essas paisagens íntimas temos que chegar bem perto e nos permitir ver o que já não conseguimos mais notar.

3 Intimidade + delicadeza = Nan Goldin e outros atravessamentos

Há algum tempo minha produção artística é direcionada a intimidade que está presente na relação que tenho com o modelo. E desde sempre me preocupo em como a fotografia interfere ou faz parte de momentos íntimos ainda maiores que são criados para produzir minhas propostas artísticas. Essas negociações, como gosto de pensar nesse embate entre eu e o modelo, acontecem com pessoas com as quais já tenho alguma aproximação afetiva. Sejam amigos, familiares, colegas e homens frutos de relacionamentos amorosos (duradouros ou não).

Não por acaso me lembro da produção da fotógrafa Nan Goldin, por isso mesmo ela faz parte de minhas referências há alguns anos. Penso no trabalho de Goldin como algo que procuro no meu próprio trabalho. Percebo que a delicadeza que ela consegue em suas fotografias é uma característica ainda muito longe de minhas produções. Gosto de pensar na delicadeza, como nos termos colocados por Denilson Lopes (2007, p.18). “A delicadeza não é, portanto, só um tema, uma forma, mas uma opção ética e política, traduzida em recolhimento e desejo de discrição em meio à saturação de informações”.

Goldin nos introduz na sua vida íntima, sem nos questionar se estamos preparados para ficar tão perto ou fazendo parte da relação de outrem que não sabemos de quem se trata. É nesse ponto que fico embebido com suas imagens. E percebo a delicadeza exatamente aí, nessa sensação provocadora que me acalenta os olhos. Ao mesmo tempo em que faço parte da vida alheia, que observo bem de perto, tenho a oportunidade de me identificar com os personagens por ela retratados. Posso vislumbrar o sentimento deles durante o ato fotográfico e interpretar de minha maneira o quanto sincera são essas fotografias.

Outro aspecto que me chama a atenção nas imagens produzidas por Nan Goldin é como ela abre mão de um apurado técnico para dar prioridade a uma determinada essência que envolve seus personagens. É como se ela não precisasse de um bom foco, ou um enquadramento seguindo a regra dos terços para mostrar a vida dos outros ou sua própria vida. Não há enfeites, nem firulas em suas fotografias, só a riqueza existencial dos personagens. Nan Goldin é direta, crua e intensa.



Figura 3- Simon and Jessica kissing in the shower. Nan Goldin. 2001.

Não por acaso proponho diálogos com artistas que trabalham com o corpo em suas obras, através da fotografia, e que possuem similaridades com o corpo-urso. Penso assim com os trabalhos de John Coplans. Seus autorretratos não disfarçam seu corpo de homem de meia idade, com pelos e envelhecendo. Percebo a honestidade em suas fotografias quando ele assume seu próprio corpo como assunto principal de seu trabalho. Algumas vezes até costuma destacar as imperfeições desse corpo que foge dos padrões físicos que interessam a uma maioria na atualidade. “Coplans trata o corpo à maneira de um entomologista, pedaço por pedaço, privado de suas dimensões narrativas e eróticas” (ROUILLÉ, 2009, p.377). Sendo assim, me identifico com o artista com relação ao desbravar do corpo do ser-urso que mostro em minhas imagens. Também me interesso pela maneira natural com a qual ele trata a sua nudez nas fotos.

Também percebo um diálogo com as fotografias de Steven Tynan, principalmente por se tratar de um corpo acima do peso; um gordo. Tynan tem uma proposta mais performática para seus autorretratos, mas o que me toca e comove é a simplicidade de suas propostas. É como se ele percebesse o cotidiano ao qual está mergulhado – homem de meia idade, corpo acima do peso, casado, filhos e morando em uma cidadezinha do interior – e transformasse o ordinário em algo espetacular, não só para ele, mas principalmente para quem ver suas fotografias. Ele não tem receio algum de chegar muito próximo do ridículo nas situações que ele propõe registrar.

4 A sedução do corpo ursino

O corpo-urso deitado na cama presente nas imagens da série *Horizonte*. A parede branca cria uma imensidão pessoal com o lençol branco. No meio, no limite, na linha que divide a brancura, o corpo. Nu, entregue ao momento de descanso, o corpo está sossegado nesse limite da imensidão branca. Dada às devidas proporções do aconchego do quarto, pensando na intimidade das quatro paredes, posso vislumbrar a imensidão? Deixo a pergunta no ar.

O corpo que está debruçado na cama em todas as imagens da série *Horizonte* não é um corpo qualquer, trata-se de um urso. Segundo J.J. Domingos (2010, p.16), os ursos

São homens corpulentos ou pesados, tradicionalmente peludos e barbudos, atraídos por outros homens. Há uma predominância de homens maduros, o que não exclui a presença de alguns mais jovens. Uma considerável parte dos ursos enfatiza em si traços físicos e comportamentais ligados ao imaginário masculino, o que os deixa inconfundíveis com outras tribos gays que, comumente, se avizinharam mais do universo feminino.

De forma que esses homens volumosos fazem parte do imaginário e da minha produção fotográfica na atualidade. Na série *Horizonte* o corpo-urso deitado foi fragmentado, alongado, esticado, partido em pedaços, quase perdemos a noção da dimensão do corpo ao qual estamos sendo seduzidos, apresentados, convidados a contemplar.



Figura 4 - Imagem do fotógrafo chinês Li Su e à esquerda outro exemplo de urso, sem autor da foto.

Gosto de pensar no corpo-urso como um desvio no padrão hegemônico imposto pela sociedade de consumo. Ao invés de homens gays, magros, lisos, talhados nas academias de ginástica, encontramos os ursos que apresentam seus pelos, gordurinhas, estrias e imperfeições com naturalidade. Todavia, com a maior divulgação dessa comunidade que cresce dentro do universo homoafetivo, já não é tão estranho estar em uma boate gay e um gordo tirar a camisa para dançar, sensualizando na pista. E torna-se menos estranho ainda conhecer admiradores desses homens corpulentos, que começam a ter dimensão do poder de sedução de uns quilos a mais.

5 Fotografia contemporânea

Na atualidade, segundo André Rouillé (2009, p.342),

“os fotógrafos recusam a representação em suas propriedades mais tradicionais: a nitidez, a transparência. Os artistas, ao contrário, aceitam o mimetismo sem reservas: não como representação, cópia considerada verdadeira de um referente, mas como uma manifestação, um elemento que só se remete a ele mesmo”.

Entendo assim que a fotografia não precisa mais se afirmar enquanto técnica, e no fazer artístico ela está a serviço de uma poética que tem fins maiores que apenas um bom enquadramento ou um foco no lugar certo. Essa mudança de ponto de vista se deve ao fato das mudanças ocorridas na arte, como também na sociedade nas últimas décadas. Junto a tudo isso uma necessidade de registrar o ordinário, perceber o mundo de outra maneira. Trazer a fotografia para o cotidiano, para o que é familiar, e nesse contexto, perceber o que está invisível de tanto que é visto.

Dentro dessas orientações temáticas, Charlotte Cotton categoriza de fotografia da vida íntima as imagens subjetivas, despreocupadas e que trazem muito forte um tom confessional. Nessas imagens, Cotton (2010, p.137) afirma: “o que importa é a presença das pessoas que amamos, num evento ou momento significativo que nos inspirou a tirar a foto”. Esse tipo de fotografia, segundo a autora, está intrinsecamente ligado aos instantâneos de família. “Um ponto de partida útil para considerar como a fotografia íntima é estruturada consiste em pensar de que modo ela assimila e redireciona a linguagem da fotografia doméstica e dos instantâneos de família para uma exposição pública” (*idem*, p.137).

A fotografia instantânea foi decididamente a evolução técnica que proporcionou a linguagem fotográfica uma maior liberdade para tratar de temas que eram (e ainda são) tabus. A nudez, as sexualidades, as drogas, os fetiches, as violências das relações amorosas, circunstâncias que são mostradas com facilidade já que o instantâneo poupa o fotógrafo do constrangimento de revelar os filmes. Historicamente, não precisar mais ir às lojas de revelação aumentou as opções de trabalhos que tratam da intimidade utilizando a fotografia como linguagem.

6 Alguns pontos para reflexões futuras

A grande questão que ainda perpassa as reflexões aqui expostas é: qual a fronteira da intimidade? Até que ponto posso ir com a minha fotografia sem causar constrangimentos a outrem é um dilema que ainda precisa de tempo para ficar claro. Outra questão seria fotografar pessoas pelas quais são absolutamente estranhos. Como abordá-las? De que maneira negociar a nudez desses modelos?

Será que realmente preciso ser íntimo para fazer um trabalho que trate sobre intimidade? Longe de pretender um diálogo raso da fotografia com o corpo, penso no envolvimento com os modelos, com a proposta artística a ser realizada. Vida e obra que se misturam sem pretensão de distanciamentos com meu objeto de interesse. Pelo menos para a pergunta acima já tenho uma resposta: sim, preciso. E se a proposta da série *Horizonte* é construir paisagens íntimas que vislumbrem um horizonte, traçar os limites da intimidade não seria projetar esse limiar?

Outra questão que surge é: não é fácil pensar no limite que separa as questões que coloco em minhas fotos das imagens pornográficas. Por que não fazer pornografia? Como tenho coragem de falar em delicadezas com uma produção tão mundana, carnal, superficial, banal? Sem maiores embates, gostaria que fosse mais suave pensar nessa produção que ousa não ser de fácil contemplação. Não quero que os espectadores olhem para minhas fotografias e se contentem com um bonito ou feio. Gostaria de provocar outras reações.

Sonho: fotografar homens fora do meu convívio pessoal. Convidá-los na rua ou por anúncio de jornal e propor para que eles posem para mim. Tentar resolver no calor do agora como tratar e construir a intimidade que preciso para minhas fotografias.

Referências bibliográficas

- CAUQUELIN, Anne. *No ângulo dos mundos possíveis*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- COTTON, Charlotte. A fotografia como arte contemporânea. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- DIAS, Karina. *Entre visão e invisão: paisagem*: por uma experiência no cotidiano. Brasília: UnB, 2010.
- DOMINGOS, J.J. *O discurso dos ursos*: outros modos de ser da homoafetividade. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2010.
- LEBOVICI, Elisabeth. *L'intime*. Paris: École Nationale Supérieure Des Beaux-Arts, 2004.
- LOPES, Denilson. *A delicadeza*: estética, experiência e paisagens. Brasília: UnB: Finatec, 2007.
- ROUILLÉ, André. A fotografia: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Senac, 2009.

Minicurrículo

Odinaldo Costa - Mestre em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (2007), na linha de pesquisa de Imagem e Som. Possui graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal da Paraíba (2002). Atua como professor na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Realiza pesquisa com ênfase na relação entre fotografia e corpo.